



## Camus, o nosso contemporâneo

**Roberto MERINO**

Encenador

A aproximação a esta mesa sobre Camus partiu motivada pelo espectáculo/ encenação realizado no ano de 1989, de **O equívoco** (*Le Malentendu*) realizado quando assumia as funções de Director Artístico do Teatro Experimental do Porto, pela terceira vez, nas instalações da Ex-Escola Académica/ Rua do Pinheiro. Espaço teatral que acabaria por desaparecer por causa de um incêndio, destino que me parece agora visto ao longe também muito camusiano.

Gostaria de falar das minhas impressões sobre Camus antes de conhecer o Camus dramaturgo... Julgo que li o romance **O Estrangeiro** depois de ter visto o filme de Visconti, filme que na altura pareceu-me muito fiel ao espírito do autor e que me deixou um sabor de estranheza, como aquelas coisas amargas que às vezes experimentamos, que repelimos, mas que no fundo, gostamos de saborear. O romance que mais me impactou na vida foi, durante e depois da sua leitura, o **Crime e Castigo** (1866) de Dostoievsky, e julgo ter encontrado no romance de Camus um fio condutor que me ligou a ambos textos...parece haver neles a propensão para a queda e para o abismo, quase num acto ordálico que se confunde entre a transgressão, a prova, o castigo, a punição e ou a danação. Mais tarde viria a saber da importância do autor russo em Camus.

A seguir aproximei-me dos textos dramáticos de Camus: **A Peste** em versão teatralizada em conjunto com Jean Louis Barrault, figura cimeira do teatro francês, mais tarde **Calígula**, e finalmente esse notável texto de **O equívoco**. Muito se fala de Camus e do teatro do absurdo e as conexões, contactos que se podem estabelecer entre ele e os mais emblemáticos autores do teatro do absurdo como são Beckett e Ionesco.



Identifico o processo do absurdo em Camus relacionado intimamente com a personagem central, Jan, que num lugar estranho (e desculpem a expressão) conhecido e desconhecido ao mesmo tempo, pretende ser reconhecido. Mas, onde estão os sinais para o reconhecimento? Eles desapareceram com as vítimas que, assassinadas em série, foram atiradas às águas profundas de uma barragem e na própria recusa da mãe e da irmã. Comparei na altura da encenação a personagem de Jan ao **Édipo** de Sófocles, cego, obstinado e dorido; as chagas de Édipo apagaram-se com o tempo na sua entrada triunfal na Cidade de Tebas. As feridas de Jan voltam a superfície no momento em que ele entra na estalagem. Achei, e acho ainda, que esta peça é uma tragédia perfeita, capaz de resistir a todas as análises modernas ou esquematizações antigas e clássicas que suportariam as regras de episódios, estásimos, etc. A poesia em Camus é profunda e abundante, ele não se excusa sequer na parte final a entregar-nos um *deus ex machina* que nega à personagem sobrevivente uma ajuda num rotundo NÃO. A tragédia é implacável, depois disto não resta nada.

São recordações trazidas pelo tempo ao tempo de agora, de uma produção realizada pelos alunos finalistas do Curso Superior de Teatro da ESAP e que contou nos papéis principais com Né e Isabel Barros, Teresa Chaves e António Costa Valente.

Lembro-me de ter referido nesta mesa redonda da minha mágoa, compartilhada pelos participantes, do papel cada vez menor que a cultura francesa ocupa entre nós (culpa também da França e dos franceses) e da importância desta iniciativa em revitalizar um autor tão importante para o teatro contemporâneo.

Abril de 2010